



Estética da Conexão: Explorando Processos de Subjetivação na Era Digital

Palavras-chave: Sociologia da Tecnologia, Tecnoestética, Estética Digital

Bianca Cavichioli Schuermann de Barros, IFCH - Unicamp

Profa. Dra. Marta Mourão Kanashiro, (orientadora), Labjor - Unicamp

OBJETIVOS DA PESQUISA

Esta pesquisa, como continuação direta do projeto PIBIC intitulado “Cronicamente online: as tecnologias de informação e comunicação entre ubiquidade e permanência digital”, assim como é parte de uma pesquisa sendo desenvolvida no programa de pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural (Labjor-IEL), investiga as maneiras como o corpo, sensorialidades e corporalidades são construídas discurso-narrativo-culturalmente no contexto contemporâneo de dominação psicopolítica (Han, 2018) e farmacopornográfica (Preciado, 2023a). Partindo da análise de Byung-Chul Han (2018) sobre o neoliberalismo como sistema de poder que opera através da própria vontade dos sujeitos, e dos conceitos de Paul B. Preciado (2023a, 2023b, respectivamente) sobre sociedade farmacopornográfica e estética petrossexorracial, o estudo encontra e traz a proposta da tecnoestética como forma de reivindicação do corpo contra os mecanismos de cooptação tecnosensoriais contemporâneos. As questões centrais que orientam esta investigação são: como o corpo é visto, tratado e cooptado em um contexto onde a dominação psicopolítica adquire capilaridade molecular, operando não contra nossa vontade, mas através dela? E quais são as constituições teórico-analíticas que podem contribuir para definir o que seria o corpo, o sensível, sob a estética digital?

Após extensa reflexão e pesquisa sobre como corporalidades e sensorialidades são constituídas como conceitos teóricos no campo sociológico, antropológico e psicanalítico, foi possível apreender que a cooptação da sensorialidade dos indivíduos adquire um caráter ubíquo a partir do momento em que a ubiquidade tecnológica assume papel central na sociedade contemporânea. Em contrapartida, a tecnoestética, como colocado por Simondon (2017), permite ao sujeito experienciar-se como parte vital dos processos técnicos, rompendo com a alienação característica da relação instrumental com a tecnologia. Ademais, a pesquisa destrincha a constituição do corpo e do sensorial sob repertório bibliográfico da psicanálise, encontrando base para compreender melhor os processos através dos quais a estética que privilegia a constante conexão coopta as sensorialidades dos indivíduos

METODOLOGIA DA PESQUISA

Após o desenvolvimento da pesquisa no decorrer da temporada passada (2023-2024), foi possível compreender que, como próximo passo, o empírico deveria ser melhor compreendido à luz de teóricos basilares das ciências humanas – mais especificamente, para compreender a conceitualização do sensível e do corpo, assim como da constituição narrativa da técnica ao lado dos devires corpóreos. Com essa noção em mente, foi compreendido que a Teoria Ator-Rede, desenvolvida por Bruno Latour (2025), oferece um aparato metodológico particularmente adequado para investigar como códigos, máquinas e pessoas se articulam na constituição do sensível (com)partilhado contemporâneo; assim como se mostrou imprescindível a integração das perspectivas metodológicas de Laymert Garcia dos Santos (2022) e Tim Ingold (2015). Essa junção oferece um arcabouço teórico-metodológico particularmente adequado para investigar as inúmeras maneiras através das quais a técnica constitui o corporal.

A análise de redes semióticas, desenvolvida por Bruno Latour no âmbito da Teoria Ator-Rede (TAR), oferece um aparato metodológico que permite ultrapassar as limitações das análises que separam rigidamente sujeitos e objetos, natureza e cultura, técnica e sociedade, oferecendo instrumentos conceituais para compreender a constituição híbrida das redes sociotécnicas que configuram nossa realidade. Ela fundamenta-se no princípio da simetria generalizada, que atribui agência tanto a humanos quanto a não-humanos, recusando explicações que reduzam a complexidade das associações a fatores puramente sociais ou técnicos. Ao invés de perguntar se determinado fenômeno é "social" ou "técnico", a análise de redes semióticas investiga como diferentes actantes se associam para produzir efeitos específicos.

A sociologia não-autocrática das máquinas, de Laymert Garcia dos Santos (2022), complementa a análise de Latour ao questionar as relações de dominação que atravessam as redes sociotécnicas. Enquanto Latour oferece instrumentos para mapear associações simétricas entre actantes humanos e não-humanos, a perspectiva de Garcia dos Santos permite analisar como essas associações podem reproduzir ou contestar lógicas de dominação. Esta complementaridade é essencial para investigar práticas tecnoestéticas, pois permite distinguir entre formas de mediação técnica que reproduzem dispositivos de captura psicopolítica e aquelas que possibilitam experiências sensoriais que utrapassam a cooptação neoliberal do corpo.

A abordagem de Tim Ingold sobre "estar vivo" (2015), complementarmente, oferece uma terceira dimensão metodológica que focaliza as experiências sensoriais diretas que emergem do engajamento corporal com o mundo. Sua perspectiva fenomenológica complementa tanto a análise de redes quanto a sociologia não-autocrática ao oferecer instrumentos para analisar como práticas tecnoestéticas podem constituir formas de experiência que escapam aos dispositivos de captura contemporâneos. Para Ingold, estar vivo e presente significa estar atento aos fluxos do meio ambiente, permitindo-se ser afetado pelas intensidades que atravessam os corpos em movimento – ao mesmo tempo em que se permite afetar aos seres vivos e não vivos dos arredores.

De maneira geral, a escolha metodológica se concentrou em compreender, com a ajuda de grandes autores que já destrincharam sobre corpo, sociedade e tecnologia, como melhor abordar a influência sensorial e corpórea que máquinas e objetos técnicos no geral poderiam adquirir sobre indivíduos; e com essa noção, também procurar compreender, através desses mesmos autores, possíveis abordagens e óticas através das quais trabalhar com os objetos de pesquisa.

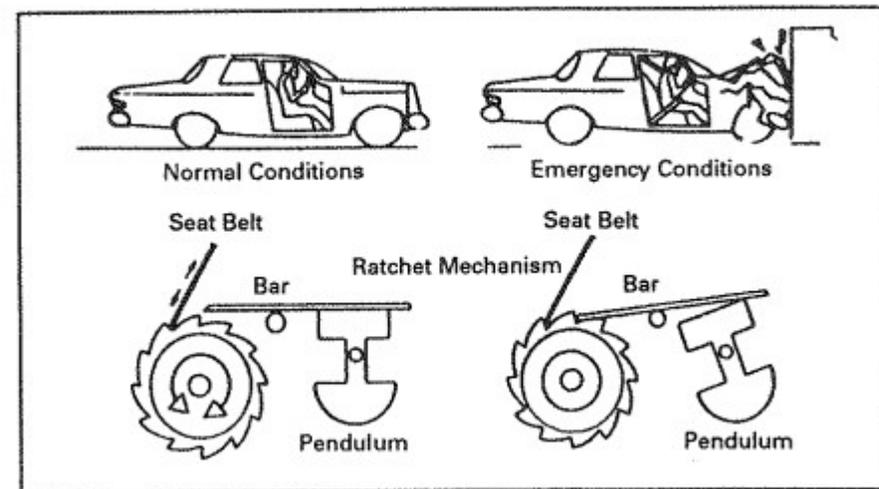


Fig. 1: Diagrama sobre funcionamento do cinto de segurança
Imagem utilizada por Bruno Latour (1992) para exemplificar a agência de objetos técnicos sobre o cotidiano social - ao invés de refletir o social, altera como os acontecimentos se dariam sem sua existência

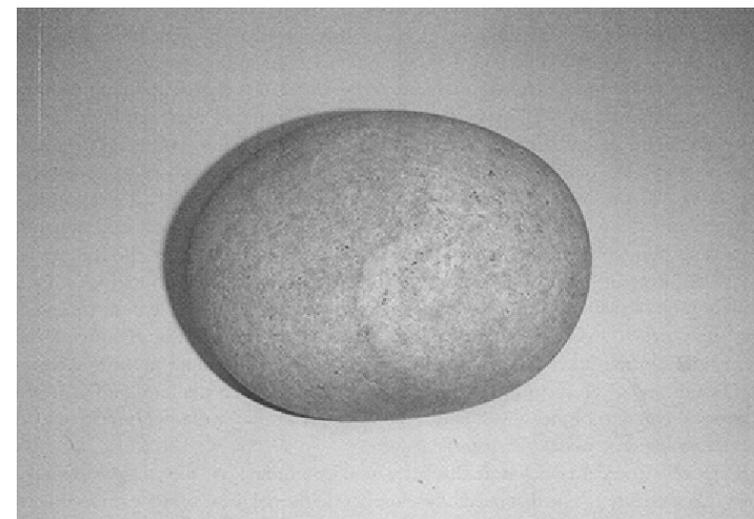


Fig. 2: Pedra seca
Imagem utilizada por Tim Ingold (2015) para representar a capacidade de agência de meios não-humanos sobre outros objetos não-humanos (neste exemplo, o autor se apropriou da percepção cotidiana de que o ar age sobre as propriedades físicas da pedra, secando-a com o passar do tempo).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O corpo sob olhar sociológico/antropológico/filosófico

No decorrer desta segunda temporada de investigação, a compreensão de que a ubiquidade tecnológica promove uma transformação fundamental nos mecanismos de poder, conforme demonstrado por Han (2018), se mostrou ainda mais corroborada. O regime disciplinar tradicional, caracterizado pela coerção externa e controle visível dos corpos, foi substituído por um modelo psicopolítico sofisticado e subliminar. Como colocado por Han (id.), esta nova configuração opera através da própria vontade dos indivíduos, transformando a opressão em um processo aparentemente voluntário de autogestão e otimização pessoal. Esta transição manifesta-se concretamente na substituição de instituições disciplinares por aparatos tecnológicos sedutores: aplicativos de fitness substituem a vigilância corporal direta, plataformas de meditação digital replicam práticas confessionais, e algoritmos de recomendação orientam escolhas de consumo. O resultado é um sujeito digitalizado e conectado que se torna um pan-óptico de si mesmo, perpetuamente monitorando e ajustando seus próprios comportamentos conforme métricas digitalmente mediadas.

A ótica de Paul B. Preciado (2023a, 2023b) revela um outro caráter dessa mesma transformação epistêmico-tecnológica: essa ubiquidade tecnológica não se limita à modulação comportamental, mas opera uma *reconfiguração molecular dos corpos* através do que o autor denomina como “regime farmacopornográfico” (Preciado, 2023a). As tecnologias contemporâneas, desde hormônios sintéticos até plásticos derivados do petróleo, integram-se aos processos biológicos fundamentais, gerando variados tipos de somatécnicas. Esta integração molecular resulta em uma condição na qual a tecnologia assume a forma corpórea, sensível, estabelecendo uma relação tautológica entre corpo e poder.

A investigação de Paglen (2019) e Ré et al. (2020) revela uma terceira dimensão crítica: a emergência de “imagens invisíveis” e “escrituras algorítmicas” que operam além da percepção humana direta. Os resultados demonstram que a maioria das imagens produzidas contemporaneamente destina-se a sistemas automatizados de reconhecimento, vigilância e modulação comportamental, estabelecendo o que os autores denominam “ontologias digitais reticulares”. Esta configuração produz uma governamentalidade algorítmica que prescinde da interpretação consciente, operando através de “semióticas assignificantes” que acionam respostas comportamentais imediatas. O resultado é uma modulação dos afetos e decisões que antecede a própria formação da consciência, criando ciclos de retroalimentação técnica que encapsulam os indivíduos em padrões previsíveis de resposta.

Contudo, a análise revela também potencialidades de resistência através do conceito de tecnoestética desenvolvido por Simondon (2017) e elaborado por Ré et al. (2020). Os resultados indicam que todo objeto técnico possui um “teor estético” intrínseco, uma potencialidade sensível que pode ser reativada através de práticas que privilegiem a experiência corpórea direta. A proposta de Ingold (2015) sobre experiências sensoriais “arrebadoras” demonstra como a imersão consciente em fluxos perceptivos pode desestabilizar as capturas psicopolíticas. Quando os indivíduos se permitem ser “inundados” pela luz, “afogados” pelo som ou “levados” pelas sensações, reativam uma relação não instrumentalizada com o meio técnico, resgatando o que Simondon denomina dimensão “fanerotécnica”. A síntese dos resultados indica que a ubiquidade tecnológica estabelece uma tensão fundamental entre colonização e emancipação sensorial. Por um lado, as tecnologias contemporâneas penetram os processos perceptivos em níveis moleculares, psíquicos e comportamentais, criando formas de modulação que operam através da própria vontade dos indivíduos. Por outro lado, essa mesma condição técnica oferece possibilidades inéditas de reapropriação criativa e política da experiência sensorial.

O corpo sob olhar psicanalítico

Buscando a compreensão mais aprofundada de outras disciplinas acerca da constituição teórica do sensorial, a integração dos argumentos apresentados por Loiacono (2025) estabelece uma reconceptualização fundamental do corpo enquanto estrutura comunicativa que opera através de múltiplas dimensões temporais e relacionais. O conceito de "inconsciente emocional-sensorial" desenvolvido a partir das contribuições de Mancina (2004) e Correale (2021) define que a corporalidade humana funciona através de estratos comunicativos que precedem e informam qualquer processo de simbolização verbal – e esta perspectiva expande significativamente o entendimento estabelecido por Han (2018) e Preciado (2023a, 2023b) sobre a modulação tecnológica dos corpos. Enquanto estes autores demonstram como as tecnologias contemporâneas penetram e reconfiguram os processos corporais, a análise de Loiacono demonstra que a corporalidade opera através de sistemas comunicativos complexos que funcionam em registros que vão além da linguagem e são subsimbólicos. O corpo é colocado não apenas como superfície de inscrição técnica, mas como estrutura ativa de produção comunicativa que opera como "trilhas sonoras" emocionais-sensoriais que se estratificam desde os primeiros momentos da existência.

Aqui, o conceito de "dimensões prototáticas" (Sullivan, 1953), oferece uma compreensão mais complexa da sensorialidade enquanto sistema de estratificação temporal que opera através de múltiplas camadas comunicativas. Esta dimensão prototática estabelece correspondências fenomenológicas com o conceito de "experiência subsimbólica" de Bucci (2021), segundo o qual informações cruciais sobre estados corporais chegam principalmente em forma *subsimbólica*, constituindo a modalidade principal através da qual ocorre a comunicação não verbal. A sensorialidade é colocada aqui como um sistema complexo de processamento informacional que opera através de canais múltiplos e simultâneos, desde órgãos táteis até formas de sensibilidade desenvolvidas para enfrentar necessidades específicas ao longo da vida. Corroborando com essa compreensão, Correale (2021) estabelece que esta dimensão sensorial constitui o "basso contínuo" através do qual se estabelece contato com o outro, constituído nos anos iniciais da constituição do sujeito e funcionando como modalidade comunicativa que antecede e transcende a verbalização. --

-- A sensorialidade não constitui apenas registro passivo de estímulos, mas sim um processo constante de produção de significado que opera através de transformação contínua, onde o sensorial se torna tanto receptor quanto emissor de significados e significantes.

Retomando a conceitualização tecnológica, a síntese entre os conceitos tecnoestéticos de Simondon (2017) e as dimensões prototáticas desenvolvidas por Sullivan (1953) estabelece uma compreensão mais complexa sobre como corporalidades, sensorialidades e mediações técnicas se integram em sistemas comunicativos híbridos: a tecnoestética, enquanto momento produtivo onde o corpo estabelece relação sensível com a matéria, opera através de processos que se fundamentam nas capacidades comunicativas prototáticas já existentes nos indivíduos. As "imagens invisíveis" de Paglen (2019) e as "semióticas assignificantes" de Lazzarato (2012) não apenas cooptam processos sensoriais, mas interagem com sistemas comunicativos prototáticos complexos, produzindo formas híbridas de corporalidade que integram dimensões subsimbólicas e mediações algorítmicas. Assim, uma constituição neoliberal semiótico-corpórea toma forma – o indivíduo não possui tempo para se lembrar que sequer possui um corpo. Estímulos externos são sempre emitidos e processados pelo corpo através de inúmeras fontes (celulares, computadores, *smartwatches*, *tablets*, e mais), mas tratando-se de signos assignificantes – borrões, ruídos, sensações criadas para serem processadas por algoritmos, mas também recebidas por indivíduos – são estímulos que trazem caos à experiência subsimbólica, tornando o processo de constituição do sujeito análogo ao processo de constituição de uma máquina, um algoritmo. A contribuição de Ré et al. (2020) sobre ontologias digitais reticulares corrobora: estas hibridizações produzem formas inéditas de corporalidade onde dados circulam através de redes que integram processamento humano e maquínico. As corporalidades contemporâneas constituem-se, portanto, através de sistemas comunicativos que operam simultaneamente através de registros prototáticos, subsimbólicos e algorítmicos, produzindo formas inéditas de experiência corporal que transcendem dicotomias tradicionais entre natural e técnico.

CONCLUSÕES

A presente investigação estabelece um arcabouço teórico-metodológico para compreender a constituição contemporânea de corporalidades e sensorialidades na era da ubiquidade tecnológica, como continuidade de uma pesquisa já realizada anteriormente. A articulação entre as perspectivas de Han (2018), Preciado (2023a, 2023b), Simondon (2017), Loiacono (2025) e demais autores demonstra que a configuração atual transcende a lógica binária que diferencia o mundo entre natural e técnico, individual e coletivo, consciente e inconsciente. A análise revela que o corpo contemporâneo emerge como estrutura comunicativa primária que opera através de múltiplas dimensões temporais, expandindo significativamente o entendimento sobre a modulação tecnológica dos corpos, demonstrando que as tecnologias contemporâneas não apenas penetram os processos corporais, mas interagem com sistemas comunicativos prototáticos complexos já existentes nos indivíduos.

A integração metodológica entre a Teoria Ator-Rede de Latour (2012), a sociologia não-autocrática das máquinas de Garcia dos Santos (2022) e a abordagem fenomenológica de Ingold (2015) oferece instrumentos analíticos adequados para investigar como códigos, máquinas e pessoas se articulam na constituição do sensível compartilhado contemporâneo. Esta síntese metodológica permite distinguir entre formas de mediação técnica que reproduzem dispositivos de captura psicopolítica e aquelas que possibilitam experiências sensoriais que ultrapassam a cooptação neoliberal do corpo. Os resultados demonstram que a ubiquidade tecnológica, característica da estética digital, estabelece uma tensão fundamental entre cooptação e emancipação sensorial. Por um lado, as tecnologias contemporâneas penetram os processos perceptivos em níveis moleculares, psíquicos e comportamentais, criando formas sofisticadas de modulação que operam através da própria vontade dos indivíduos. As "imagens invisíveis" (Paglen, 2019) e as "semióticas assignificantes" (Lazzarato, 2012) exemplificam como esta modulação antecede a própria formação da consciência, estabelecendo ciclos de retroalimentação técnica que encapsulam os indivíduos em padrões previsíveis de resposta.

Esta investigação conclui que a constituição sensorial dos indivíduos na era digital resulta de uma complexa negociação entre potências tecnoestéticas que podem tanto reproduzir quanto contestar os mecanismos de dominação contemporâneos. As corporalidades contemporâneas constituem-se através de sistemas comunicativos que operam simultaneamente através de registros prototáticos, subsimbólicos e algorítmicos, produzindo formas inéditas de experiência corporal (que haverão de ser destrinchadas na pesquisa de mestrado em andamento) que condensam sensorialmente e simbolicamente experiências relacionais complexas.

BIBLIOGRAFIA

BUCCI, W. Emotional communication and therapeutic change: Understanding psychotherapy through multiple code theory. Routledge, 2021.

CORREALE, A. La potenza delle immagini [O poder das imagens]. Mimesis, 2021.

FAROCKI, H. Imagens do mundo e inscrições da guerra. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GARCIA DOS SANTOS, L. Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética. São Paulo: Ed. 34, 2022.

HAN, B.-C. Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

INGOLD, T. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

LATOUR, B. Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA, 2012. [Nota: A data 2025 no documento original parece ser um erro]

LAZZARATO, M. Immaterial labor. In: VIRNO, P.; HARDT, M. (Eds.). Radical thought in Italy: a potential politics. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

LOIACONO, A. M. The poetics of the symptom. International Forum of Psychoanalysis, v. 34, n. 1, p. 28-36, 2025.

MANCIA, M. Sentire le parole [Sentir as palavras]. Bollati Boringhieri, 2004.

PAGLEN, T. Imágenes invisibles (tus fotografías te miran). Revista La Fuga, n. 22, 2019.

PRECIADO, P. B. Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica. Rio de Janeiro: Zahar, 2023a.

PRECIADO, P. B. Dysphoria Mundi: o som do mundo desmoronando. Rio de Janeiro: Zahar, 2023b.

RÉ, A. et al. Escrituras algorítmicas e imágenes invisibles: Tecnoestética y política. Pensando – Revista de Filosofía, v. 11, n. 23, 2020.

SIMONDON, G. Sobre la técnica. Buenos Aires: Cactus, 2017.

SULLIVAN, H. S. The interpersonal theory of psychiatry. New York: W. W. Norton & Co., 1953.

TIQQUN. A hipótese cibernética. São Paulo: N-1 Edições, 2015.